

GIRA CHITA

Redesenho da chita portuguesa

Laila Regina do Nascimento Ferreira

2017

GIRA CHITA

Redesenho da chita portuguesa

Esse trabalho procurou desenvolver novos padrões para estamparia a serem aplicados no produto tradicional português: a chita de Alcobaça. A ideia do projeto partiu da observação acerca de sua pouca utilização e inovação em design nesse país, e da comparação efetuada com o uso do tecido brasileiro, dele descendente, também nominado de Chita. No Brasil o design de superfície desse tecido ganhou novos feitios e o mesmo conquistou um valor simbólico estreitamente vinculado à cultura do país, sendo suas cores e desenhos representativos da natureza e dos modos de ser do brasileiro.

Laila Regina do Nascimento Ferreira

2017

Nota do nome

O nome deste documento é inspirado no livro: Que chica bacana,
da editora a Casa.

Agradecimentos

Aos meus Pais, principalmente ao meu PAI, a todos os meus familiares que amo muito, obrigada por terem me apoiado e dado força e incentivado a viver essa experiência maravilhosa que foi vir estudar noutro país.

Tive o prazer de conviver com pessoas maravilhosas durante esse período nas Caldas da Rainha, coloco o nome de todos? É melhor não, pois posso esquecer nomes. Mas tenho que agradecer a família do Castelo. (Chica, Carol, Zé, Mauro, Chico, Caty, Quel, Diogo).

A meus primos Camila e André, pelo apoio familiar que precisava. A Mafalda, Liliana, Kinnen, Sara, João Mendonça, Helena José Eloy, Nayara, Patrícia, Ricardo, Luís, Hélio, Xavier, Mannuela, Otávio e a tantas outras que infelizmente não dá para colocar o nome de todos.

Ao meu orientador Fernando Brízio pela sua grande paciência comigo, e compreensão como o meu trabalho. A minha grande amiga Flávia Zimmerle que foi minha orientadora na graduação e um grande auxílio nessa etapa.

A Dona Maria do Céu Pereira Sampaio e seu filho o historiador Doutor Jorge Pereira Sampaio pelo apoio e por ceder imagens da coleção pessoal da família da tradicionais Chitas de Alcobaça.

Guardarei ótimas lembranças e levarei eternas saudades.

OBRIGADA PESSOAS!!!!

Índice

Resumo	15
Abstract	17
Introdução	19
Problema/desafio	19
Enquadramento Teórico	23
1. Breve histórico da chita em Portugal	25
1.1. A chita de Alcobaça	27
1.2. Elementos marcantes culturais das chitas portuguesas	29
2. Breve histórico da chita no Brasil	35
2.1 Elementos marcantes, portanto culturais das chitas brasileiras	38
3. Design de superfície: o que é	43
4. Referências projetuais	45
4.1 Como marcas portuguesas exploram os padrões da chita	45
4.1.1 A Alfayate	45
4.1.2 Vista Alegre	46
4.1.3 Green Boots	47

4.2 Como marcas brasileiras exploram a estampa da chita	48
4.2.1 Grupo Corpo	48
4.2.2 Porcelana Oxford	49
4.2.3 A marca de moda feminina Farm	50
4.2.4 O Estúdio Farândola	52
5. Gira Chita, o Projeto	54
5.1 Caldas	54
5.2 Os Grandes	64
5.2.1 António Variações	67
5.2.2 Carmem Miranda	71
5.2.3 Eusébio	75
5.3 Passar o tempo	79
Conclusão	95
Referências	97
Índice de figuras	99
Índice de quadros	103

Resumo

Esse trabalho procurou desenvolver novos padrões para estamparia a serem aplicados no produto tradicional português: a chita de Alcobaça. A ideia do projeto partiu da observação acerca de sua pouca utilização e inovação em design nesse país, e da comparação efetuada com o uso do tecido brasileiro, dele descendente, também nominado de Chita. No Brasil o design de superfície desse tecido ganhou novos feitios e o mesmo conquistou um valor simbólico estreitamente vinculado à cultura do país, sendo suas cores e desenhos representativos da natureza e dos modos de ser do brasileiro.

Entendendo que um produto adquire valor por sua expressão cultural, e que essa expressão vive por se renovar constantemente, buscamos identificar os elementos que são característicos e tradicionais desse tecido, para então juntá-los aos elementos contemporâneos e representativos do povo português, formando novas estampas. O resultado desse trabalho foi uma coleção de nove estampas desenvolvidas a partir de três temáticas: Caldas, Os Grandes – representativos do povo português e Passar o tempo – representativo de uma cultura contemporânea globalizada.

Palavras-chave:

Design de produto, design de superfície, chita de Alcobaça, redesenho.

Abstract

This work tried to develop new patterns to be printed and applied on a traditional Portuguese product: The Chita from Alcobaça (traditional Portuguese cotton fabric). The idea for this project has started from observing that this fabric is not very common and that it is very old fashioned when comparing to a Brazilian fabric, also named Chita. In Brazil, its design has won new shapes and has conquered a symbolic value strictly linked to the country's culture, with colours, drawings which represent the Brazilian lifestyle.

Understanding that a product acquires value within its cultural expression, and that its expression lives by reinventing itself, we have tried to identify this fabric's traditional and specific elements, so we could add them up to the contemporary and representative elements of the Portuguese people, creating new prints. The result of this work was a nine textile prints collection from three starting themes: "Caldas" (referring to the symbol of Caldas da Rainha city, which is a penis); "Os grandes" (referring to the great Portuguese)-representing the Portuguese people; and Hanging Out – representing a global contemporary culture.

Key-Words:

Product Design; Surface Design; Chita from Alcobaça; Redesign

introdução

Problema / Desafio

Quando cá cheguei, umas das primeiras coisas que me encantou em Portugal foi um tecido caracterizado por uma estampa formada por excessos de elementos, uma rica mistura contendo flores, objetos, e listras, entre outros. Fui informada que o mesmo era conhecido como Chita de Alcobaça, e até aquele momento não havia tido conhecimento de sua existência, nasceu então o meu grande interesse por esse produto.

No Brasil, país de minha origem, também existe um tecido estampado como o nome de chita. Esse é um tecido popular, que não custa caro, sendo considerado capaz de representar a alegria genuína do país por sua mistura de cores e florais (ROCHA; QUEIROZ, 2010).

Segundo Pezzolo (2009), a fabricação têxtil nacional no início do século XX foi bastante influenciada pelos ricos motivos da estamparia portuguesa, especialmente pelas colchas e lenços oriundos de Alcobaça. Entretanto, enquanto a variante brasileira é bastante utilizada em vestuários, decorações e celebrações populares, tendo sofrido modificações no padrão, que ganhou dimensões cada vez maiores, e na sua largura, que passou de 65 cm para ser comercializada com 1,40 pvm (ROCHA; QUEIROZ, 2010), constatamos que em Portugal não parece ter havido qualquer mudança. Pude constatar que, ao contrário do que se passou no Brasil, desde a década de 50 esses tecidos portugueses mantiveram os mesmos elementos das chitas originais do século XIX.

Diante deste fato surgiu a inquietação de entender o porquê das

diferenças, e a vontade de desenvolver, no âmbito deste projeto de mestrado, algumas propostas de redesenho e atualização das chita portuguesas. Coloco a hipótese de que tal atualização, ao contemplar os anseios e costumes atuais, poderiam despertar um renovado interesse comercial.

Este projeto surge assim de uma comparação: como esse tecido é utilizado em Portugal e no Brasil, sendo neste último explorado cultural e financeiramente. Assim, procurei a partir de uma pesquisa exploratória identificar como fazer o redesign desse tecido português de modo a torná-lo um objeto mais atual, com maior apetência comercial, conservando/explorando suas características histórico culturais mais marcantes, de modo a reavivar (reestabelecer) seus significados culturais.

Ao torná-lo um objeto representativo de uma cultura utilizando uma linguagem contemporânea, esperamos fornecer subsídios para torná-lo um objeto de desejo, haja visto que esse é um valor almejado por consumidores e buscado nos mais variados processos comerciais de consumo. Afinal, o significado é reconhecido como uma qualidade dos bens de consumo, uma vez que eles podem materializar e ordenar uma cultura (pois existem primeiramente nela), permitindo aos sujeitos nele se apoiarem tanto para constituir partes cruciais de si e do mundo em que vivem, como para sua expressão nos meios sociais (McCRACKEN, 2007).

Assim, entendendo que a cultura é a “lente pela qual o indivíduo enxerga os fenômenos”(McCRACKEN, 2007, p.101), nos questionamos:

será possível esmerar tal design sem perder suas características mais marcantes? Como poderíamos fazer alterações em seu desenho original a fim de atualizar sua linguagem e despertar um maior interesse no usuário local?

A nossa proposta é atuar como designer e gerar demanda de um maior uso da chita pelo povo Português, o que poderia ser feito pelo uso de uma nova forma de impressão da estampa no tecido, pela criação de desenhos, ou mesmo pelo desenvolvimento de novas aplicações desses em produtos contemporâneos. Esse trabalho teve por objetivo desenvolver uma coleção de estampas baseada na Chita tradicional, acrescentando elementos simbólicos relacionado aos interesses da atualidade, tais como personalidades portuguesa marcantes, tecnologias, e o falo, elemento popular característico da cidade de Caldas da Rainha.

Dessa forma, entendemos que este trabalho possa contribuir com o resguardo da cultura material portuguesa, uma vez que toda cultura, para se manter viva, está sempre em vias de resignificação.

Para alcançar tal objetivo, comecei por fazer um levantamento sobre a história da chita portuguesa, bem como os seus signos mais marcantes. O trabalho identificou as características estéticas e simbólicas das padronagem da estampa a ser modificada. A seguir pesquisamos como o uso e as modificações de padrão da chita aconteceu no Brasil, trazendo elementos para essa comparação. Isso nos possibilitou responder aos questionamentos do como essa estampa poderia ser modernizada. A seguir procurámos entender como se dá o processo de estamparia têxtil, uma atividade técnica e criativa que se

propõe a criação de imagens bidimensionais, ou ainda, texturas visuais e tácteis que comporão a superfície do tecido (RÜTHSCHILLING, 2006).

Após os fundamentos teóricos e a análise dos resultados da comparação, tratadas no capítulo 4.

Referências projetuais, apresentamos a coleção de estampas desenvolvidas como objeto desse trabalho.

Enquadramento histórico

Mas, o que é a chita?

É definido pelo Dicionário da Língua Portuguesa como, tecido de algodão estampado. (Do neo- árico chhit, do sânsc. Chita, «matizado»). (DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA, 1995, p.395)

1. Breve histórico da chita em Portugal

Ao final do século XV quantos portugueses foram em busca de novos caminhos para o oriente, o navegador Vasco da Gama encontrou, ao aportar* em Calcutá em 1498, um tecido de algodão estampado: o “CHITZ” ou pintados como ficaram conhecidos. Em primeiro momento não foi de interesse do governo Português a comercialização desse tipo de tecido, dando preferência aos tecidos bordados: algodão com seda, bordados a ouro, contendo quase sempre cenas históricas (FERREIRA, 2004).

A chita parece ter causado mais admiração em países como a Inglaterra, Holanda, França, Suíça, entre outros, pois estes mostraram interesse em comercializá-los, inclusive aprendendo como eram produzidas a estampagem dos “pintados” (FERREIRA, 2004).

As primeiras chitas eram utilizadas para decoração ou estofos, vindo a ser posteriormente comercializadas e utilizadas na construção do vestuário. A partir da segunda metade do século XVII, quando os primeiros ateliers de estamperia na Europa começaram a produzir o pintado, o tecido tornou-se fonte de prestígio para o usuário, fosse ele usado como forma decorativa ou no próprio vestuário (FERREIRA, 2004).

Em 1700 a indústria de estampagem tornou-se uma das mais importantes fontes econômicas, o que levou a uma grande evolução do setor têxtil, tanto em sua linha industrial, como na questão comercial, pois sua produção se expandiu para o comércio internacional. No século seguinte aconteceu o aprimoramento das técnicas de estampagem, pois começaram a surgir os primeiros processos mecânicos, porém o processo manual continuou a ser utilizado. Segundo Ferreira (2004),

a comercialização da chita foi um dos maiores negócios europeus, alcançando seu auge no século XVIII, junto com o tráfico de escravos. Com o desenvolvimento da indústria algodoeira e com as melhorias impressão, os custos de produção caíram, e ainda, tornaram-se de fácil lavagem e mais confortáveis.

Para Ferreira (2004), os europeus dão preferência a chita, panos pintados ou panos indianos, por sua característica de leveza, por seu colorido, e por sua riqueza de padrões, cuja variedade se presta tanto para o vestuário como para a decoração.

A indústria portuguesa, de forma tardia (apenas em 1775), se interessou por essa produção, buscando assim concorrer com as demais indústrias europeias e indianas, mas foi Portugal quem exportou os panos pintados para o Ocidente. Segundo Ferreira (2004), a primeira indústria a se firmar foi a Real Fábrica de Tecidos e Estamparias em 1775, sendo localizada na Vila Nogueira de Azeitão. A mesma tornou-se referência para as subsequentes. No decorrer dos anos seguintes, foram abertas várias indústrias sem grande controle e, em 1806, já existiam cerca de 42 fábricas em solo Português. Esse número veio a provocar problemas, tais como a falta de tecido cru para estampar, pois muitas fábricas não tinham seus próprios teares, precisando recorrer aos fornecedores nacionais de pano cru ou fazendas brancas, sendo inclusive efetuadas a importação de forma ilegal de matéria prima. Somente uma fábrica tinha a capacidade de atender ao mercado nacional na ocasião: a Real Fábrica de Fazendas Brancas e Lençaria de Alcobaça. Os seus proprietários requereram ao reino, na ocasião, a proibição do uso de tecidos que não fossem originários de Portugal.

No final do século XVIII a grande maioria das fábricas ainda continuou a fazer o trabalho de forma manual e a utilizar cunhos de madeiras que foram trocados pelos de metal e, posteriormente, pelos de metal fundido. Apenas no final desse século começam a aparecer as primeiras máquinas de estampagem. Na segunda metade do século XIX ocorreu um desenvolvimento exponencial de indústrias e, finalmente, as máquinas substituíram o trabalho manual. Contudo, há de se registrar a carência de profissionais portugueses com a devida experiência em maquinarias, no qual foi necessário recorrer a mestres e operários de outras nações para execução dos serviços (FERREIRA, 2004).

Assim, podemos dizer que foi de grande importância a indústria de estamparia para Portugal, pois seus produtos eram utilizados como moeda de troca comerciais entre as colônias e no comércio exterior em geral, elevando-a para um lugar privilegiado na economia nacional.

1.1 A chita de Alcobaça

Pinto; Sampaio (2011) nos contam que Gil Vicente fez a primeira menção a um tecido produzindo na região de Alcobaça em sua Farsa dos Almocreves, citando “ pano de Alcobaça por tosar”. Sabe-se que a primeira fábrica abriu suas portas em 1775 na Vila Nova de Azeitão e que após esta surgiram várias outras pelo país, porém não a documentação que nos leve a entender do porquê levar no nome dessa localidade. Sendo dito como “um dos maiores enigmas da história industrial portuguesa a designação “chita de Alcobaça” por um padrão muito específico”. (PINTO; SAMPAIO, 2011. p.16).

Ao procurarmos o padrão de chita que fabricava cada fábrica encontramos várias descrições, mas nenhuma se identifica com o que tradicionalmente é tido por chita de Alcobaça. Contudo, não é impossível que uma ou mais dessas manufaturas tivesse feito a chita conhecida por “de Alcobaça” cujo padrão se caracteriza por formar riscas largas, claras ou escuras, onde aparecem pássaros, aves exóticas, animais, flores, figuras humanas europeias ou orientais, cornucópias, cestos, ânforas, ninhos, pinhas, maçarocas, frutos tropicais, um mundo suscetível de influenciar a nossa imaginação. Estas colchas tanto podem ter sido confeccionada com tecidos fabricados em Portugal, como de um país da Europa, ou da Índia. (PINTO; SAMPAIO, 2011 p.17)

A partir dos estudos de Ferreira (2004), que afirma a partir do momento em que a Real Fábrica de Fazendas Brancas e Lençaria de Alcobaça “parecia ter condições para abastecer as fábricas de chitas, o que leva o proprietários da fábrica de Alcobaça a insurgirem-se contra a entrada de panos de Bengala requerendo por isso a proibição de entrada de tecidos de fora do reino” (FERREIRA; 2004, p. 55). Podemos deduzir que o nome do tecido estampado chita tenha começado a ficar conhecido pelo nome da localidade por este motivo.

Em um primeiro momento de produção, sabe-se que foram fabricadas chitas para cobertas, e que essas ocuparam um lugar central na fabricação. Destaca-se ainda que lenços de variados tons trouxeram as diferentes cores para as faces dobradas. Só algum tempo depois

esses tecidos seriam usados na fabricação de vestuário (FERREIRA, 2004).

Pinto; Sampaio (2011) referem-se a chitas de tecido de algodão composto pelo revezamento de linhas verticais em tons claros e escuros, constituído por flores, animais, ânforas e tantos motivos decorativos, em “alguns padrões, que se prologaram pelo século XX, apresentavam repetições de motivos de fauna e flora, muitos deles com predominância dos tons vermelhos e alguns, feitos num padrão lembrando damasco.” (PINTO; SAMPAIO, 2011 p.09)

1.2. Elementos marcantes | culturais das chitas portuguesas

Essa seção tratará de levantar os elementos que se destacam por repetição nos padrões de estamparia das chitas portuguesas. Tais registos buscam indicar os elementos mais representativos desse tipo de tecido, elementos esses que, certamente, por serem parte de suas características, promovem o reconhecimento imediato do tipo de tecido e de sua origem.

A Figura 1 indica a coleção de Maria do Céu Pereira Sampaio, uma colecionadora de arte e moradora de Alcobaça. Em sua coleção percebemos alguns dos padrões desse tipo de tecido, bastante antigos; neles podemos levantar como característicos alguns elementos de padronagem e de cores, descritos no Quadro 1, abaixo.



Figura 1 – Amostras da Coleção pessoal de Maria do Céu Pereira de Sampaio

Padronagem	Cores/tons
Listas verticais	Padrão representado por linhas retas; Alternância de tons, marcando as barras verticais; Predominância de tons terrosos; Estampas menores em barras mais claras
Flores	Rosas, flores dos campos entre outras
Ânforas	Utilizadas como suporte para as flores
Arabescos	Predominância de linhas curvilíneas, representando a natureza
Esculturas	Representação feminina
Paisagens	Representação de paisagem morta, ou ilustração de paisagem de natureza
Ornamentos	Arabescos
Animais	Representação de pássaros, cães

Quadro 1 – Elementos do padrão de estampa da coleção de Sampaio
Fonte: Própria 2017

Na Figura 2 é possível vermos como o padrão da chita é oferecido hoje no mercado local. As imagens foram escolhidas exatamente por serem caracterizadas como sendo de Alcobaça.



Figura 2- padrão de estampa ofertado pelo Armazém do Linho

Seguindo a mesma sequência analítica, o quadro 2 apresenta a breve avaliação do que constitui o padrão dessa chita.

Padronagem	Cores/tons
Listas verticais	Padrão representado por linhas retas; Alternância de tons, marcando as barras verticais; Predominância de tons alegres; Estampas menores em barras mais claras
Flores e com folhagem	Nas cores rosas, amarelas
Ânforas	Utilizadas como suporte para as flores
Arabescos	Predominância de linhas curvilíneas, representando a natureza
Esculturas	-----
Paisagens	Representação de paisagem morta, ou ilustração de paisagem de natureza
Ornamentos	Arabescos
Animais	Representação de pássaros, cães

Quadro 2 – Elementos do padrão de estampa da chita do Armazém do Linho
Fonte: Própria 2017

Armazém do Linho, no site da empresa nos informa que loja é dedicada a reproduzir tecidos estampados tradicionais portugueses, onde projeto de recuperação dos padrões tradicionais da Chita de Alcobaça, e a procura de novas formas de aplicação dessa estampa tão tradicional do universo Português.

Por falta de registos oficiais de quais fábricas produziam e a data dessas produções das chitas, é difícil analisar se os elementos remetem a algum época específica, ou se são cópias de tecidos que eram produzidos no exterior.

2. Breve histórico da chita no Brasil

A indústria de estamparia era considerada a de maior importância econômica em Portugal nos séculos XVIII - XIX, atendendo ao mercado interno e ao das colônias, assim abastecendo o mercado brasileiro (PEZZOLO, 2009).

No final de 1700 quando começou a surgir um mercado industrial no Brasil, Dona Maria I, decretou o fechamento e a proibição de todas as manufaturas, a fim de garantir o e estimular a própria indústria portuguesa, fato que diminuía diretamente sua concorrência com a Inglaterra. Este decreto só foi derrubado por seu filho Don João VI quando veio para Brasil juntamente com sua família e corte. Naquele momento, o mesmo decretou a abertura dos portos brasileiros “a todas as nações amigas”, pondo fim o monopólio português” (PEZZOLO, 2009, p.53).

Em 1869 companhia Cedro e Cachoeira de Minas Gerais abre as portas, sendo a primeira indústria que fabricaria tecidos no país em larga escala. A mesma parece já ter nascido influenciada pela produção portuguesa, pois:

Imigrantes portugueses trouxeram para o Brasil muitas colchas e lençóis de Alcobaça nas primeiras décadas do século XX que acabaram por influenciar nossa indústria na época. Eis aí o Elo entre nossas chitas e o passado rico em detalhes. São as raízes culturais dissimuladas pelos motivos florais graúdos e a exuberância do colorido que caracterizam a chita brasileira, ainda hoje fabricada por três Indústrias mineiras: Estamparia S.A, Fabril Mascarenhas e a Horizontes Têxtil (PEZZOLO, 2009, p.54)

A chita foi um tecido que conquistou rapidamente uma grande demanda, por ter baixo custo e ser mais fresco e assim, ideal para o clima Tropical. Segundo Pezzolo (2009, p.52)“a cultura do algodão que prosperava no noroeste do Brasil alimentava a industrialização da Chita, principalmente no estado de Minas Gerais [...]”.

Assim, a chita brasileira esteve, em um primeiro momento histórico, ligada à população com o poder aquisitivo mais baixo, sendo consumida por escravos que, “quando não estavam vestidos de pano rústico de algodão cru, permitiam-se vestir as cores do mais simples dos tecidos estampados, a chita” (MELLÃO; 2005, p. 145). Rocha e Queiroz (2010) endossam esse entendimento ao afirmarem que, por ser um pano barato e assim de fácil acesso a população, o gosto pelo mesmo se expandiu rapidamente, tornando-o conhecido como o tecido que possui “a cara” do povo brasileiro.

Rocha e Queiroz (2010, p.8) dizem ainda que, após anos vestindo a população mais desfavorecida do país e sendo utilizada em festas populares, a chita começou a ser adotada por quem seguia o movimento hippie. Ainda, a mesma foi levada para o exterior pelas mãos de Zuzu Angel, uma estilista conhecida internacionalmente por usar a moda como veículo para protesto político; fez parte ainda do tropicalismo, movimento este que interveio " na cena cultural do país de forma crítica e vestiu-se da já então brasileiríssima chita".

A partir dos anos 70 a chita entrou e saiu constantemente do meio fashion; vários estilistas vieram a trabalhar este tecido em suas coleções, como Ronaldo Fraga que “[...] aluno de estilismo em Londres, [...] apresentou, na sua conclusão de curso um desfile de casacos

fornados em Chitão" (MELLÃO, 2005 p. 178). Muitos outros nomes e marcas também trabalharam com a chita nos anos seguintes, prática que se perpetuou até a atualidade.

Rocha e Queiroz (2010) afirmam que a chita e sua fartura de cores começou a ser utilizada também na decoração de ambientes, e que esse processo aconteceu de forma natural. Assim, aos poucos o tecido que antes só servia para vestir as pessoas menos privilegiadas, na sequência serviu às casas modestas e posteriormente invadiu as cidades maiores como opção de estilo diferenciado, "como uma maneira de transportar para dentro de casa a exuberância da natureza tão inacessível nas cidades mais desenvolvidas" (ROCHA; QUEIROZ, 2010, p. 9). Para os autores as cores e estampas da chita proporcionam tranquilidade e conforto, e hoje a mesma não é mais vista como um tecido para a população menos favorecida e sim como um tecido que possui uma estreita associação a cultura popular, e assim, estando presente no gosto de todas as camadas sociais. Segundo Rocha e Queiroz foi a partir da criatividade brasileira que a chita, encontrou seu lugar em meio ao vestuário e à decoração de ambientes.

A Figura 3 apresenta como acontece a aplicação da Chita. No exemplo, o tecido veste o icônico comunicador do rádio e da televisão brasileira - Chacrinha, que foi sucesso de audiência entre as décadas de 1950 e 1980.



Figura 3 - José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha, usando fato de chita

2.1 Elementos marcantes, portanto culturais das chitas brasileiras

Mellão (2005, p.30) define a chita como um tecido de estampa floral, o que essencialmente a difere dos padrões de sua precursora. Para o autor existem três tipos de chitas: a chitinha, que é composta por um floral de tamanho pequeno, a chita constituída por um padrão de flores de tamanho mediano, e o chitão formado por flores bem

grandes ". Entretanto, todos os tipos possuem cores vivas e traços de grafite delineando os contornos do floral, e esse padrão cobre toda a trama do tecido, bastante engomado. A Figura 4 apresenta algumas desses padrões.



Figura 4 – Padrões mais conhecidos da chita brasileira

Como podemos perceber, o padrão da chita utiliza "cores vivas e inspiradas na coloração existente na natureza" (ROCHA; QUEIROZ, 2010, p. 3). É possível facilmente perceber o equilíbrio marcante que existe entre os tons quentes e frios, sempre aplicado nos florais, o que promove certo conforto visual e, de certa forma, facilita a percepção de uma harmonia ou equilíbrio visual.

Padronagem	Cores/tons
Flores	Cores primárias (vermelho, azul e amarelo) cores secundarias (laranja, verde) e cor preta como contorno
Tamanhos de flor variados	Flores grandes que ocupam boa parte do padrão e complementado por flores pequenas a preencher os espaços vazios
Tipos de flor variados	Rosas, hibiscos, margaridas
Fundo de cores fortes	Verde, amarelo, vermelha, azul
Contorno preto destacam as formas	Aparece em todas as flores o contorno preto
Composição de tons fortes em toda a estampa	Por utilizar tons primários e secundários, a uma combinação de cores intensas
Estampa toma toda a superfície têxtil	A estampa aparece por toda a extensão do tecido.

Quadro 3 – Elementos do padrão de estampa da chita brasileira

Fonte: Própria 2017

Como podemos perceber, a chita no Brasil ganhou novos padrões e se estabeleceu de forma diferente de Portugal. No Brasil, os padrões representam as flores e cores de um país tropical, tornando-se um produto que invoca a imagem de um país que se reconhece como alegre e festivo, de clima quente, tão bem representado pelo design de superfície desse tecido. Em contrapartida, o tecido em Portugal não apresenta grandes mudanças do padrão original e, nesse sentido, seus elementos não parecem se renovar e refletir algo da cultura contemporânea.

No próximo capítulo procuramos entender como se pode produzir um padrão de estampa, para então entrarmos nos aspectos projetuais, onde levantamos informações da cultura local mais atual, que nos servirão de inspiração para nossa proposta de estampa para chita portuguesa.

3. Design de superfície: o que é

Esse capítulo trata dos processos teoricamente recomendados para criação do design de superfície. Iniciamos por descrever o seu conceito:

Design de Superfície é uma atividade técnica e criativa cujo objetivo é a criação de imagens bidimensionais (texturas visuais e tácteis), projetadas especificamente para a constituição e/ou tratamento de superfícies, apresentando soluções estéticas e funcionais adequadas aos diferentes materiais e processos de fabricação artesanal e industrial (RÜTHSCHILLING, 2008, p.23).

Muitas são as áreas de atuação do design de superfície, cujo trabalho pode ser aplicado em papelaria, material têxtil, cerâmica, diversos materiais sintéticos, ambientes virtuais, entre outros. O design de superfície está relacionado com o artesanato ou ainda considerado definitivo na própria relação entre design e arte, pois tem grande facilidade de interagir com essas áreas; afinal, o mesmo “apropria-se da liberdade dos processos criativos da arte, a linguagem visual, a história da arte para potencializar o projeto de produto, artesanal ou industrial.” (RÜTHSCHILLING, 2008, p. 87).

4. Referências projetuais

Este capítulo trata da execução do projeto de desenvolvimento de propostas de estampas para a chita portuguesa. Iniciaremos por explorar como se dá aplicação de estampas semelhantes em marcas portuguesas. Em paralelo analisamos como as marcas brasileiras aplicam o padrão da chita nacional em seus produtos. O conjunto desses elementos irá formar nosso quadro de inspirações no capítulo 4.

4.1 Como marcas portuguesas exploram os padrões da chita

Essa seção apresenta como algumas marcas, perfis e comunidades portuguesas trabalham o design gráfico típico das chitas. Iniciamos por apresentar Alfayate, um coletivo que reuni artistas, designer e fabricantes têxteis, seguido pela marca Vista Alegre, que desde 1824 trabalha com a produção de louças; por fim exploramos o trabalho de Green Boots, uma marca de moda-vestuário feminina.

4.1.1 A Alfayate

É um coletivo que reuni designers, artistas e indústrias de âmbito nacional, onde a missão é usar os artigos da cultura portuguesa da moda, sempre esmerando a tradição de Portugal e servindo para inspiração para trazer uma forma mais moderna a moda urbanwear.

A Alfayate com inspiração na Chita, utilizam elementos desse tecido no desenvolvimento de uma coleção que deram o nome de Xyta.



Figura 5 - Coleção da marca Alfayate com nome de Xyta

Fonte: <https://alfayate-shop.com/chita-de-alcobaca-pure-inspiration/?lang=pt-pt>

4.1.2 Vista Alegre

A Vista Alegre foi uma das primeiras empresas de cerâmica em Portugal. Reconhecida pela altíssima qualidade de suas peças, onde seu design e luxo são reconhecidos mundialmente. Procuram juntar a tradição com a modernidade aliada ao perfeccionismo, versatilidade, e requinte. Dentro de seus produtos mantém uma linha inspirada nas chitas de Alcobça (ver Figura 6).



Figura 6 – Linha de louças inspirada no padrão das chitas

4.1.3 Green Boots

A Green Boots é uma marca de moda-vestuário que surgiu a partir de uma antiga fábrica de calçados familiar. Empresa que procura acima de tudo qualidade, desenvolvendo produtos de grande durabilidade. Tendo como prioridade em suas coleções, elegância, conforto, e modernidade. Com grande personalidade a marca utiliza a chita de Alcobça para a criação de acessórios, para os forros de seus calçados e, aplicações em suas malas (ver Figura 7).



Figura 7 – Linha produtos da Green Boots

4.2 Como marcas brasileiras exploram a estampa da chita

Esse tópico trata de algumas marcas brasileiras que se inspiram no estilo da estamparia da chita para desenvolver seus produtos. Iniciamos por apresentar como o Grupo Corpo, uma companhia mineira de dança, aplica esse estilo em seus figurinos.

4.2.1 Grupo Corpo

O Grupo Corpo é uma companhia mineira de dança, fundada em 1975 na cidade de Belo Horizonte. A apresentação do espetáculo 21 utiliza um tecido com estampa de chita tanto em seu figurino, como na cenografia do espetáculo. O mesmo é dividido em três movimentos, sendo considerado o mais vigoroso e instigante dos balés apresentados até o início dos anos 90 pelo grupo. Reproduz, através de múltiplas repetições de movimento, a escala decrescente do 21 até o 1 em que desenha oito pequenos hai-kais coreográficos. Contudo, é no final que explode o ritmo e a animação, numa dança colorida e contagiante que remete aos folguedos populares e às festas do interior. A força contida na tensão entre as cores vermelha, da luz chapada de fundo, e amarela, das malhas utilizadas pelos bailarinos, dá o tom da primeira parte do balé, enquanto uma gigantesca colcha de retalhos, exibindo estampas de colorido vibrante, deixa antever a explosão do momento final quando os figurinos, sempre colantes, fazem alusão ao patchwork do cenário (Ver Fig.8).



Figura 8 – Espetáculo 21 do Grupo Corpo

4.2.2 Porcelana Oxford

A Porcelana Oxford é uma empresa especializada na produção de louças, fundada em 1954 em São Bento do Sul (SC), possui como missão desenvolver produtos ousados.

A companhia convidou o designer Rosenbaum para desenvolver cinco linhas de conjuntos de louças. O designer, visando representar a brasilidade, utilizou os seguintes temas para sua inspiração: o Maracatu, que é uma dança folclórica de origem afro-brasileira e típica do estado de Pernambuco no Brasil (MARACATU, 2017), Iemanjá, considerada um orixá feminino e rainha dos mares, as carrocerias de caminhão, as rendas típicas e a Chita (Ver Fig.8).

Rosenbaum (2008) comenta que se existisse um “sudário” para a cultura popular, esse poderia ser feito da própria chita, pois para ele, a mesma imprime a forma simples de viver do Brasil. Ele lembra

que o tecido é escolhido para vestir as donzelas das festas juninas, dá vida aos bonecos gigantes de Olinda, às saias do Bumba-meu-boi, e ainda decora as mesas, envolve as almofadas da renda de bilro. Designando seu Registo de Identidade brasileiro, o designer diz que as chitas alegram o colchão e a colcha das camas no sertão dos Estados brasileiros.



Figura 9 – Coleção de Rosenbaun para Oxford

4.2.3 A marca de moda feminina Farm

A Farm é uma marca de moda-vestuário situada no Rio de Janeiro. A mesma é conhecida por suas estampas florais, cuja criação se inspira na natureza, nas suas cores e temperaturas que tão bem traduzem a mulher carioca (FARM, 2017).

Atualmente a marca cria padrões de chitas para aplicação em suas novas coleções (Vide Fig.9) e firmou parcerias para a criação junto às grandes marcas - Adidas, marca de produtos esportivos, e Havaianas, marca das famosas sandálias rasteiras brasileiras (vide Fig. 10).



Figura 10 - Estampas da coleção Farm



Figura 11 - Produtos da parceria da Farm com Adidas e Havaianas.

4.2.4 O Estúdio Farândola

O Estúdio Farândola é voltado para o desenvolvimento de criação e artes visuais, e atua desde 2011. Entre seus produtos estão o desenvolvimento de marcas, de mascotes e de murais. O seu maior compromisso é sempre criar algo que vá além das expectativas.

Recentemente o estúdio assumiu um trabalho de criação para o cantor, compositor e drag queen brasileiro chamado Pablo Vittar. (ver Fig 11).

Todo Dia é o primeiro trabalho em vídeo do estúdio Farândola, e tivemos a honra e a confiança de fazê-lo para um dos maiores talentos do Brasil em 2017, Pablo Vittar. Uma das maiores referências pro clipe são as estampas de Chita (aqueles tecidos com tramas rudimentares, famosos por suas estampas floridas com cores vibrantes), que representa bem a brasilidade e também o carnaval de rua. Uma referência corriqueira pra uma releitura inovadora. Assim, produzimos estampas floridas investindo em uma pitada de erotismo, divertido e sutil, para aplicação em Chroma Key. As estampas do efeito Chroma vem trazer maior contraste visual e até sonoro à música quando combinadas à algumas imagens em slowmotion à fotografia, que inicialmente [e toda gravada em chroma key e preto e branco, contrasta com as cores dos fluidos, texturas e estampas (ESTÚDIO FARÂNDOLA, 2017)].

A estampa de chita desenvolvida para o Clipe de Pablo Vittar (feat Rico Dalasam), acompanhou o grande sucesso do carnaval no Brasil em 2017, já que durante o carnaval este tecido é comumente utilizado.

O Estúdio fez uma releitura inovadora utilizando uma forma sutil de erotismo.

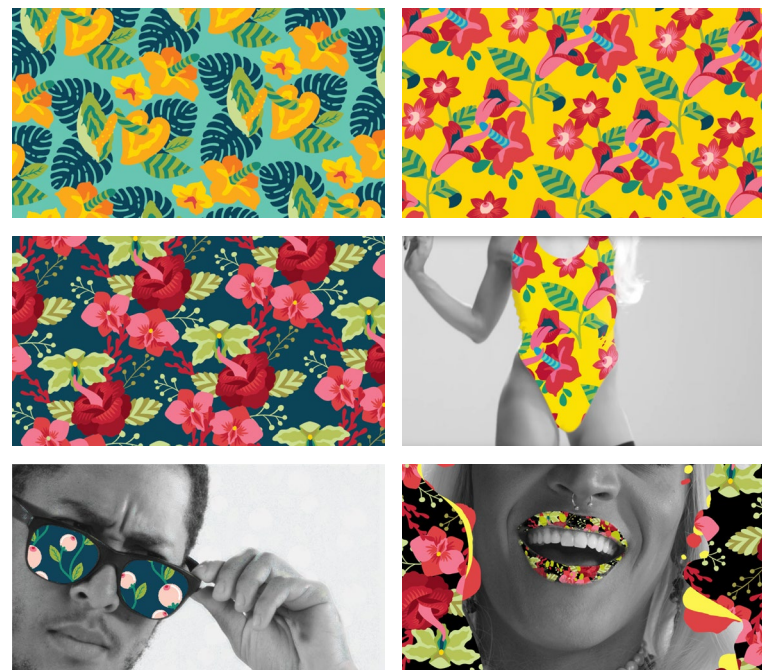


Figura 12 - Estampas do Estudio Farândola inspiradas na Chita

5. Gira Chita, o Projeto

Conforme já antecipamos, a ideia para este projeto surgiu a partir de análise do tecido estampado - chita de Alcobaça, que acreditamos ser um produto bastante interessante mas, suas versões mais recentes, parecem não ter sofrido atualizações. Assim, podemos entender que são um produto cultural, mas não carregam o mesmo esplendor das versões tradicionais. A partir desta análise surgiram os questionamentos de como poderíamos interferir em seu design, de modo a torná-la mais atrativa? Quais elementos culturais contemporâneos poderiam ser colocados juntos aos elementos tradicionais, de modo a fazer uma releitura desse produto? Existe uma forma de impressão, que produza melhores resultados?

A partir da análise dos elementos recorrentemente presentes nas estampas desse tecido tradicional, e entendendo que os mesmos são responsáveis pelo seu reconhecimento enquanto tal, isto é, por sua própria identidade, buscamos inspirações na cultura local atual para propor inovações em seus desenhos. Para este projeto foram desenvolvidas 3 coleções de estampas com os seguintes temas: Caldas, Os grandes e Passar o Tempo, trazendo elementos presentes no entretenimento das redes sociais. Os temas são explorados a seguir.

5.1. Caldas

Esta coleção é composta por 3 estampas (Figs. 13, 15 e 17). Utilizamos como base de inspiração as chitas do século XVIII, que eram fabricadas predominantemente na cor vermelha. Delas buscamos os motivos florais e os arabescos, como elementos para compor a base de cada estampa (Vide Fig.12).

Visando trazer uma referência da cultura popular recente, escolhemos o falo, como elemento representativo das Caldas, um símbolo que representa a cidade e é muito presente em cerâmicas. Porém em vez de utilizar diretamente a imagem da cerâmica, desenvolvemos uma ilustração representativa do mesmo. Esse tema foi proposto para criar um novo olhar também sobre esse símbolo, uma vez que descobrimos que o mesmo é para a cidade motivo de orgulho, e por vezes de vergonha, apesar de serem uma tradição de Caldas da Rainha.

cores: vermelho, rosa, bordô e lilás.

tamanho do rapport 12cm por 12cm.



Figura 13 – Painel de inspirações para coleção Caldas

A partir do painel e considerando os elementos tradicionais identificados nessa estampa, tais como, as barras, as cores, onde predomina o vermelho, rosa, preto e branco, desenvolvemos as três estampas. O Quadro 4 descreve seus elementos.

Elementos	Descrição
Florais	Estampas da chita tradicional
Arabescos	Estampas da chita tradicional
Borboletas	Em referência aos animais da chita tradicional, e ao falo com asas
Falo	Emblema identitário de Caldas da Rainha

Quadro 4 – Elementos da estampa Caldas

Fonte: Própria 2017

Recomendamos que o tecido seja estampado por meio de impressão têxtil digital, uma vez que esse tipo de impressão melhor qualidade, ser mais rápido.

Assim, estampa 1 carrega como cor de fundo o bordô intenso, em referência às cores escuras de fundo presentes nas estampas selecionados a partir das chitas vermelhas pertencentes a coleção pessoal de Dona Maria do Céu Pereira de Sampaio. Outras cores da composição são: o bordo e o vermelho. Trouxemos ainda os arabescos

que compõem as folhagens e ilustrações que representam o falo das Caldas. O tamanho do rapport foi de 12cm por 12cm.

Na Figura 14 indicamos uma possível utilização dessa estampa, aplicada a uma peça de vestuário.



Figura 14 – Estampa 1: Caldas



Figura 15 – Aplicação da Estampa 1.

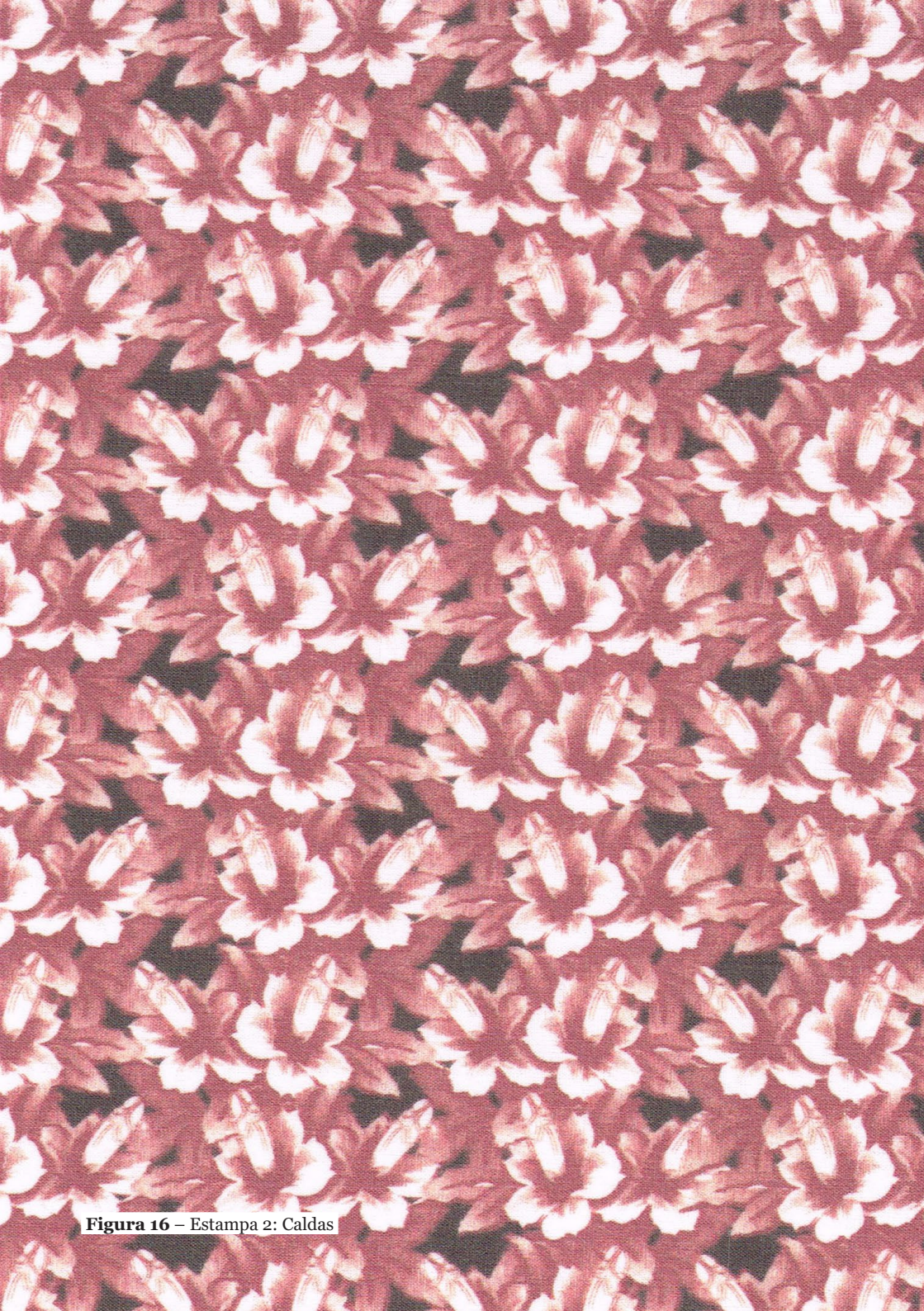


Figura 16 – Estampa 2: Caldas

A Figura 17 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 17 – Aplicação da Estampa 2.
Fonte: Própria, 2017



Figura 18 – Estampa 3: Caldas



Figura 19 – Aplicação da Estampa 3.

A figura 19 indica uma aplicação da estampa 3 desse tema.

5.2 Os Grandes

Composta por três estampas, esta coleção tem como tema o orgulho nacional, sentido através de artistas de origem portuguesa que são reconhecidos em boa parte do mundo por seu trabalho. A partir das chitas da Coleção de Dona Maria, foram reorganizadas as flores tão características desse tipo de tecido e a elas foram anexadas imagens de 3 personalidades: António Variações, cantor português; Carmem Miranda, considerada uma das mais maiores cantoras de sua geração e Eusébio, que foi grande futebolista português.

Nosso painel de inspirações para esse tema demonstra os elementos que nos embasaram para essa coleção (Ver Fig.20), e o Quadro 5 especifica seus elementos.

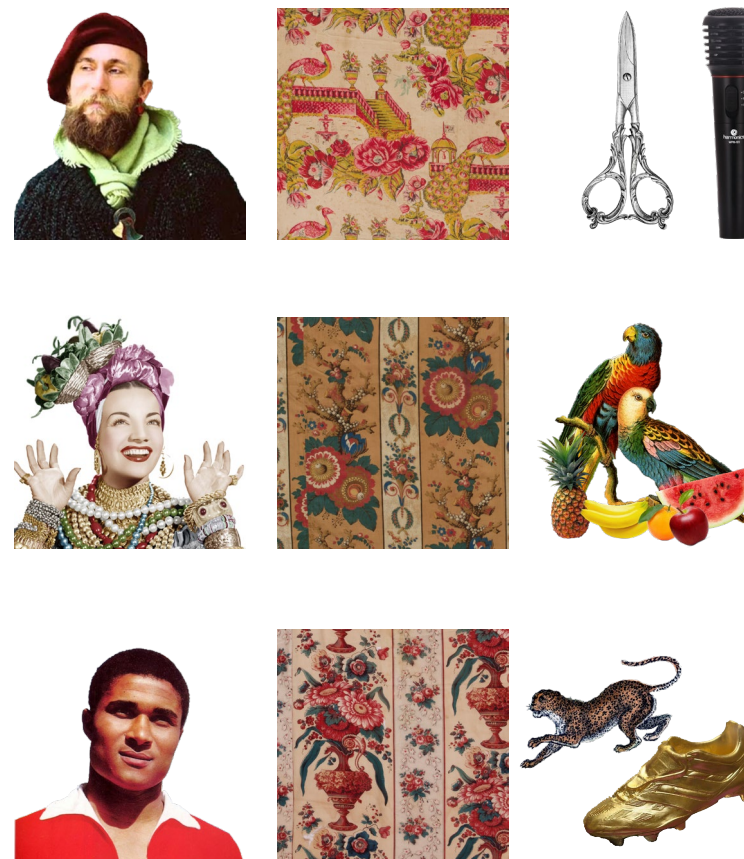


Figura 20 – Painel de inspirações para coleção Os Grandes Tugas

Elementos	Descrição
Florais	Estampas da chita tradicional
Arabescos	Estampas da chita tradicional
Anfôras	Estampas da chita tradicional
Imagem das personas	A imagem do rosto dos ícones homenageados
Elementos pertinentes à vida das personas	Peças de barbearia (tesoura e micro- fone) representam a antiga profissão de Variações, frutas e araras compõem a cartela de cor e o arranjo da cabeça de Carmem Miranda, e a bota doura- da prêmio recebido e o pantera negra representam o Eusébio

Quadro 5 – Elementos da estampa Os Grandes

Fonte: Própria 2017

5.2.1 António Variações

António Variações foi um músico que atuou entre 1981 e 1984, artista de grande evidência dentro de território nacional e fora, conseguiu fazer uma sùmula entre os tipos de músicas portuguesa, onde era facilmente reconhecido fado, música popular e pop/rock internacional. (texto feito a partir da biografia do site oficial: <http://www.antoniovariaco.es.pt/pt/biografia>)

O tecido foi estampado por meio de impressão têxtil digital. As cores de fundo da estampa foram escolhidas a partir de chitas tradicionais que são vendidas no Armazém do linho, Porto.

cores: azul, vermelho, rosa, amarelo, verde.

tamanho do rapport 8cm por 8cm.



Figura 21 – Estampa 1: António Variações

A Figura 22 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 22 – Aplicação da Estampa 1.



Figura 23 – Estampa 1: variações de cores

5.2.2 Carmem Miranda

Era conhecida como a pequena notável, portuguesa radicada no Brasil, cantora, atriz e dançarina, atuou entre 1928 -1955. Trabalhou entre o Brasil e os Estados Unidos, sendo a mulher que recebeu o salário mais alto na indústria do cinema americano na sua época. Teve uma projeção internacional que nenhuma artista de origem brasileira/portuguesa teve em todo o mundo. Foi a primeira latino-americana a ter a sua marca no pátio do Chinese theater em Hollywood. (texto feito a partir da biografia do site oficial: <http://www.carmenmiranda.com.br/>)

O tecido foi estampado por meio de impressão têxtil digital. As cores de fundo da estampa foram escolhidas a partir de chitas tradicionais que são vendidas no Armazém do linho, Porto.

cores: azul, vermelho, rosa, amarelo, verde.

tamanho do rapport 8cm por 8cm.



Figura 24 – Estampa 2: Carmem Miranda

A Figura 25 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 25 – Aplicação da Estampa 2.



Figura 26 – Estampa 2: variações de cores

5.2.3 Eusébio

Moçambicano com nacionalidade portuguesa esteve em atividade entre 1957 e 1980. Conhecido como Pantera Negra, foi um jogador de futebol decisivo no mundial de 1966, onde levou Portugal ao terceiro lugar. Recebeu a bota e bola de ouro. É tido como um dos melhores jogadores de futebol portugueses.

(texto feito a partir da biografia do site: <https://www.ebiografia.com/eusebio/>)

O tecido foi estampado por meio de impressão têxtil digital. As cores de fundo da estampa foram escolhidas a partir de chitas tradicionais que são vendidas no Armazém do linho, Porto.

cores: azul, vermelho, rosa, amarelo, verde.

tamanho do rapport 8cm por 8cm.



Figura 27 – Estampa 3: Eusébio

A Figura 28 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 28 – Aplicação da Estampa 3.



Figura 29 – Estampa 3: variações de cores

5.3 Passar o tempo

As redes sociais são utilizadas para guiar essa coleção, que é composta por três estampas, este tema foi escolhido pela importância que esses meios de comunicações ocupam na atualidade. Como forma de contacto, e atualização informática, porém ocorre a banalização de informações. Foram escolhidas as três redes sociais com maior impacto no ocidente: Facebook, Instagram e Twitter . O Quadro 6 descreve os elementos da estampa.

O tecido foi estampado por meio de impressão têxtil digital. As cores de fundo da estampa foram escolhidas a partir de chitas tradicionais que são vendidas no Armazém do linho, Porto.

cores: Azul, vermelho, rosa, amarelo, verde.

tamanho do rapport 8cm por 8cm.

Elementos	Descrição
Florais	Estampas da chita tradicional
Arabescos	Estampas da chita tradicional
Animais	Estampas da chita tradicional
Imagem das redes sociais	A imagem das logomarcas das redes sociais
Elementos pertinentes às redes sociais	O pássaro do Twitter, uma rede social americana que interliga usuários em tempo real em todo o mundo, o símbolo das disputadas curtidas (likes), uma reação das pessoas às postagens de usuário que promovem/impulsionam suas ideias nas redes (principalmente no Facebook) e uma máquina fotográfica simbolizando a logomarca do Instagram, outra famosa rede social mundial.



Figura 30 – Painel de inspirações para coleção Passar o tempo

Quadro 6 – Elementos da estampa Passar o Tempo
 Fonte: Própria 2017



Figura 31 – Estampa 1: Facebook

A Figura 32 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 32 – Aplicação da Estampa 1.



Figura 33 – Estampa 2: variações de cores



Figura 34 – Estampa 2:Instagram

A Figura 35 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 35 – Aplicação da Estampa 3.



Figura 36 – Estampa 2: variações de cores



Figura 37 - Estampa 3: Twitter

A Figura 38 apresenta uma possível aplicação da estampa desenvolvida.



Figura 38 - Aplicação da Estampa 3.



Figura 39 - Estampa 3: variações de cores

Conclusão

Este projeto surgiu do meu interesse por um produto típico português, carregado de tradição e de beleza: a chita de Alcobça. A comparação que fiz de seu uso local com as aplicações de seu descendente brasileiro de mesmo nome, me despertou interesse em desenvolver seu redesenho. Desse modo, tendo por guia a estrutura das chitas tradicionais, a ideia foi a de trazer um novo olhar sobre esse produto, propondo que o mesmo carregasse os elementos mais marcantes e característico dessa estampa histórica, mas que em seu contexto fossem adicionados novos signos oriundos da história recente e do cotidiano contemporâneo, de forma a renovar/despertar o interesse do consumidor para esse material.

Para sua execução analisamos as estruturas das estampas tradicionais, de modo a identificar os elementos que deveriam permanecer no desenho a fim do mesmo não perder sua identidade e, portanto, a identificação natural com o consumidor local. Identificados esses elementos, buscamos analisar como acontecia sua aplicação em Portugal e no Brasil, de modo a propor novas aplicações. Por fim, buscamos alguns elementos da cultura mais recente, que fossem carregados de significado e pudessem contribuir com nossa proposta de atualização.

Como resultado criamos nove estampas, baseadas em três temáticas, nas quais indicamos possíveis variações de cores e aplicações em produtos.

Uma limitação de nossa proposta se deu pelo fato da decisão de nossa criação se pautar nas características mais tradicionais desse

produto. Entretanto, na medida em que fizemos as experimentações superamos as dificuldades e conseguimos desenvolver desenhos alegres e marcantes, que se misturam com os elementos mais tradicionais que caracterizam esse tecido.

Para futuros trabalhos indicamos que se possa fugir das barras e buscar inspirações nas inovações ocorridas em seu parente direto: a chita brasileira.

Referências

DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora, Lda., 1995.

ESTÚDIO FARÂNDOLA. Coleção Pablo Vittar. Disponível em: <<http://farandola.com.br/pablo-vittar-todo-dia>>

FARM: Ao vivo, a cores e toda estampada. Disponível em: <http://www.farmrio.com.br/br/a-farm>.

FERREIRA, Maria Augusta L. Pablo Trindade. **De Gil Vicente às colchas de chita de Alcobaça. Alcobaça:** Câmara Municipal, 2004

MARACATU. **Breve História.** Disponível em: <<http://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>>

McCRACKEN, G. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **RAE**, v. 47, n.1, p. 99-115, 2007.

MELLÃO, Renata. **Que Chita Bacana.** São Paulo: Ed. A Casa-Casa Museu do Objeto Brasileira, 2005.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos:** história tramas tipos e usos. Editora SENAC, 2009.

ROCHA, M. D.; QUEIROZ, M. O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso. In: Colóquio de Moda, VI, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010, p. 1-11.

ROSENBAUN. **Linha brasil para a Oxford**. Disponível em: <<https://rosenbaumdesign.wordpress.com/2008/08/25/81/>>

RUBIM, Renata. **Desenhando a superfície**. São Paulo: Ed. Edições Rosari, 2005

RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. **Design de Superfície**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Coleção pessoal de Maria do Céu Pereira de Sampaio. Fonte: Imagens gentilmente cedidas por Doutor Jorge Perreira Sampaio do arquivo pessoal de Maria do Céu Perreira Sampaio

Figura 2 - padrão de estampa ofertado pelo Armazém do Linho. Fonte: <https://armazemoslinhos.myshopify.com/collections/frontpage>

Figura 3 - José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha, usando fato de chita. Fonte: <http://astrosemrevista.blogspot.pt/2016/12/chacrinha-o-velho-guerreiro.html>

Figura 4 - Padrões mais conhecidos da chita brasileira. Fonte: <http://rosolendecoracoes.com.br/>

Figura 5 - Coleção da marca Alfayate com nome de Xyta. Fonte: <https://alfayate-shop.com/chita-de-alcobaca-pure-inspiration/?lang=pt-pt>

Figura 6 - Linha de louças inspirada no padrão das chitas. Fonte: <http://www.micasarevista.com/ideas-decoracion/llena-de-flores-la-cocina/la-tradicion-del-te>

Figura 7 - Linha produtos da Green Boots. Fonte: <http://www.fashionmeetsrights.com/page/viewp/green-bootsinterview>

Figura 8 - Espetáculo 21 do Grupo Corpo. Fonte: <<http://www.grupocorpo.com.br/obras/21#fotos>>

Figura 9 - Coleção de Rosenbaun para Oxford. Fonte: <https://rosenbaumdesign.wordpress.com/2008/08/25/81/>

Figura 10 - Estampas da coleção Farm. Fonte: http://prd.farmrio.com.br/br/estampa/chitaorientalminivermelha/_/A-print-pt23123.ptbr?index=pt23123

Figura 11 - Produtos da parceria da Farm com Adidas e Havaianas. Fonte: <http://busca.farmrio.com.br/busca?q=chita+oriental>

Figura 12 - Estampas do Estúdio Farândola inspiradas na Chita. Fonte: <http://farandola.com.br/pablllo-vittar-todo-dia>

Figura 13 - Painel de inspirações para coleção O das Caldas. Fonte: Própria, 2017

Figura 14 - Estampa 1: O das Caldas. Fonte: Própria, 2017

Figura 15 - Aplicação da Estampa 1. Fonte: Própria, 2017

Figura 16 - Estampa 2: O das Caldas. Fonte: Própria, 2017

Figura 17 - Aplicação da Estampa 2. Fonte: Própria, 2017

Figura 18 - Estampa 3: O das Caldas. Fonte: Própria, 2017

Figura 19 - Aplicação da Estampa 3. Fonte: Própria, 2017

Figura 20 - Painel de inspirações para coleção Os Grandes Tugas. Fonte: Própria, 2017

Figura 21 - Estampa 1: António Variações. Fonte: Própria, 2017

Figura 22 - Aplicação da Estampa 1. Fonte: Própria, 2017

Figura 23 - Estampa 1: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Figura 24 - Estampa 2: Carmem Miranda. Fonte: Própria, 2017

Figura 25 - Aplicação da Estampa 2. Fonte: Própria, 2017

Figura 26 - Estampa 2: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Figura 27 - Estampa 3: Eusébio. Fonte: Própria, 2017

Figura 28 - Aplicação da Estampa 3. Fonte: Própria, 2017

Figura 29 - Estampa 3: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Figura 30 - Painel de inspirações para coleção Passar o tempo.
Fonte: Própria, 2017

Figura 31 - Estampa 1: Facebook. Fonte: Própria, 2017

Figura 32 - Aplicação da Estampa 1. Fonte: Própria, 2017

Figura 33 - Estampa 2: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Figura 34 - Estampa 2: Instagram. Fonte: Própria, 2017

Figura 35 - Aplicação da Estampa 3. Fonte: Própria, 2017

Figura 36 - Estampa 2: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Figura 37 - Estampa 3: Twitter. Fonte: Própria, 2017

Figura 38 - Aplicação da Estampa 3. Fonte: Própria, 2017

Figura 39 - Estampa 3: variações de cores. Fonte: Própria, 2017

Índice de Quadro

Quadro 1 - Elementos do padrão de estampa da coleção de Sampaio. Fonte: Própria, 2017

Quadro 2 - Elementos do padrão de estampa da chita do Armazém do Linho. Fonte: Própria, 2017

Quadro 3 - Elementos do padrão de estampa da chita brasileira. Fonte: Própria, 2017

Quadro 4 - Elementos de estampa Caldas. Fonte: Própria, 2017

Quadro 5 - Elementos de estampa Os Grandes. Fonte: Própria, 2017

Quadro 6 - Elementos de estampa Passar o Tempo. Fonte: Própria, 2017

ESAD.CR

Escola Superior de Artes e Design
do Instituto Politécnico de Leiria

Rua Isidoro Inácio Alves de Carvalho
2500 - 321 Caldas da Rainha

www.esad.ipleiria.pt

2017

Relatório de Projecto Final

Mestrado em Design de Produto

Autor

Laila Regina do Nascimento Ferreira

email: lailarferreira@gmail.com

Orientador

Fernando Brízio

